**JULIE ENGELL-GÜNTHER: UM PERFIL FEMINISTA ENTRE A EUROPA E O BRASIL DO SÉCULO 19**

*Izabela Liz Schlindwein, doutoranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS). E-mail: izabela.liz@posgrad.ufsc.br.*

*Miriam Pillar Grossi, professora associada do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina desde 1989, atua nos Programas de Pós-graduação em Antropologia Social e Interdisciplinar em Ciências Humanas e no curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: miriamgrossi@gmail.com.*

Resumo

Busco neste artigo propor momentos de reflexão sobre os contextos sociais vividos por uma jornalista alemã do século 19 – acontecimentos e convicções que ajudaram na construção de epistemologias feministas em percursos entre e Europa e o Brasil. Durante toda a vida, Julie Engell-Günther (1819-1910), revolucionária de 1848, esteve ligada à rede de livres pensadoras na Europa, decidindo migrar no outono deste mesmo ano com um desiludido grupo de professores, pesquisadores, naturalistas, artistas plásticos e músicos de Berlim. Depois de passar pela Austrália, Engell-Günther viaja ao Brasil, vivendo e inscrevendo os processos sociais e de imigração na imprensa alemã. O texto aqui apresentado é composto pelos primeiros olhares que ajudarão na qualificação da tese do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas – ênfase em Gênero – da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Palavras-chaves

Epistemologias feministas – século 19 – Europa/Brasil

**Introdução**

Este artigo apresenta as lutas pelos direitos da mulher no século 19 pela voz de uma jornalista livre pensadora alemã que passou pelo Brasil e escreveu sobre a própria experiência nos dois países. Mais do que isso, este texto ainda procura relacionar esses eventos com as conquistas dos muitos feminismos e as construções de epistemologias dos movimentos.

 Ciente de que os pensamentos feministas são fruto da expressão de ideias e que estão relacionados a teorias e práticas políticas, não é possível neste texto dar conta das inúmeras paisagens que se apresentaram ao longo dos anos, até a constituição atual – embora muitas manifestações ainda persistam.

Os contextos sociais vividos por Julie Engell-Günther (1819-1910), por exemplo, estão ligados à Revolução de 1848[[1]](#footnote-1) e à rede de livres pensadoras[[2]](#footnote-2) na Europa. São preocupações o lugar da mulher nas políticas de imigração e como esta presença esteve apagada nos meios de divulgação do conhecimento – por muitas vezes, os textos desta jornalista não eram bem recebidos pelos editores europeus[[3]](#footnote-3).

 É pela perspectiva da interdisciplinaridade que esta pesquisa se desenvolve enquanto mais escritos de Julie Engell-Günther são traduzidos por Elke Dislich[[4]](#footnote-4), que trabalha neste momento com os dois livros da autora: “Noites de Natal no Brasil”[[5]](#footnote-5), publicado em 1862; e 18 cartas trocadas com Karl Kautsky[[6]](#footnote-6) (1854-1938), enviadas pelo Museu de Amsterdam ao Brasil. O conteúdo será material de análise para a escrita de uma tese no doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Memórias registradas em cartas, dados sociológicos, historiografias e noções pós-coloniais do gênero ajudam a compreender a construção dessas epistemologias feministas que são interesse da tese.

 Na primeira carta enviada por Julie Engell-Günther a Karl Kautsky, na época um editor do semanário socialista “Die Neue Zeit” saindo de lua de mel, a articulista se mostra satisfeita por encontrar em Kautsky um editor aberto a ideias de uma mulher. Era assim que Engell-Günther, ou Frau Gê, como era conhecida entre suas alunas de francês no Brasil, conseguia refletir sobre sua experiência com o ensino de meninas em diferentes países.

 Nesta mesma carta, a autora percorre outros assuntos, como casamento e direitos das mulheres – pontos de vistas também analisados hoje pela pesquisadora da área do Direito da Universidade de Hamburgo Tanja-Carina Riedel. No conteúdo, Engell-Günther relata que, na Inglaterra, havia sido concedida às mulheres a propriedade irrestrita também no casamento.

Permita-me dizer que é devido a essa enorme tolice de afirmar-se para as meninas que é somente o casamento sua única profissão, que decorre uma imensa desgraça. – A prostituição que aumenta de forma desenfreada finalmente conseguiu chamar a atenção também das classes mais elevadas; porém – também lá “não se enxerga a floresta pelo excesso de árvores”\*! Enquanto o casamento for considerado uma instituição provedora, não se poderá falar de virtude e de pureza. Por outro lado, porque uma mulher deveria trabalhar e receber salário, se ela será somente alvo de zombaria e escárnio, como acontece frequentemente? (ENGELL-GÜNTHER, carta de 19 de janeiro de 1883, p. 2)

 Ao falar sobre si, já na segunda correspondência, Engell-Günther coloca que é uma *self made woman* como poucas. Na infância, não tinha frequentado a escola. Como a mais velha de 11 irmãos, tinha de ensiná-los o que sabia e trabalhar como professora em casas de família. Essas mesmas convicções empurraram-na à rede de livres pensadoras e ao título de autora do maior número de trabalhos publicados no jornal “Freidenker” (periódico dos livres pensadores), de Milwaukee/Wisconsin, nos Estados Unidos.

 Após a passagem pelo Brasil, na década de 1850, Engell-Günther vivia sozinha. É quando perde o filho mais velho Arthur (1859-1881), na Inglaterra, onde terminava seus estudos, que o marido Hermann obriga-a a se divorciar para que possa casar-se com uma mulher 40 anos mais jovem. Mesmo sem direitos financeiros garantidos depois do divórcio, Engell-Günther luta para dar estudo do filho mais novo Reinhold, fazendo bordados para vender e administrando com dificuldade metade dos negócios do marido, um comércio de pólvora e munições.

 Mas muito antes disso, as subjetividades da jornalista já eram forjadas nas discussões da Revolução de 1848, quando, ao lado de nomes como Louise Otto-Petters – considerada uma das primeiras feministas alemãs –, participou do Manifesto pela Liberdade. O envolvimento de Engell-Günther com os protestos vinha também do contato com Wilhelm Loewe (1814- 1886), o liberal médico e político alemão, seu cunhado e com quem rompeu por ter aderido à monarquia mais tarde.

 Importante aqui é entender os motivos da desilusão do grupo de pensadores de Engell-Günther e a decisão por migrar justamente em 1848. O fato de ter participado do movimento fez com que fosse chamada de heroína das barricadas por Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, capitão prussiano e membro da Sociedade Hamburguesa.

 O engenheiro-geógrafo escreveu em 1853 o livro “Die Colonie Dona Francisca”, no qual Engell-Günther era descrita como a amásia do agrimensor Hermann Günther, que teria chegado às terras onde seria instalada a Colônia Dona Francisca – Joinville/SC – como uma aventureira disfarçada de “pobre criado”, por estar viajando desacompanhada da família.

 Para Rodowicz, a jornalista construiu uma propaganda enganosa da Colônia para estimular novas levas colonizatórias – o que não se confirmou na análise do primeiro texto sobre Joinville-SC escrito por Engell-Günther no “Leipziger illustrierte Zeitung”, objeto de análise da dissertação do mestrado em patrimônio cultural e sociedade defendida pela presente autora na Universidade da Região de Joinville (Univille).

 O fato é que os regimes autocráticos fizeram eclodir em 1848, tempo da migração de Engell-Günther, uma série de revoluções na Europa. Crises econômicas e a falta de representação política das classes médias e do nacionalismo abalaram as monarquias e suas tentativas de reformas políticas e econômicas.

 A Primavera dos Povos, como foi chamada a cadeia de reivindicações, é considerada por historiadores como a primeira revolução potencialmente global. EmBerlim, os acontecimentos se repetiam, os preços dos alimentos subiam porque a safra tinha sido ruim. A população exigia de Frederico Guilherme IV o apoio ao liberalismo e a convocação de uma assembleia eleita pelo sufrágio universal. Em algumas semanas, as manifestações e os comícios tornaram-se diários, quando os liberais exigiam uma Constituição. Surgiram barricadas por toda a cidade, pequeno-burgueses e operários lutavam contra as tropas reais burgueses.

 Ao fim de 1848, a Assembleia Nacional de Frankfurt é dissolvida pela Prússia, o sufrágio universal é eliminado e os privilégios da nobreza recuperados. O sonho da unificação estava fracassado.Os radicais continuaram a lutar, mas foram impedidos pelo exército prussiano.A burguesia liberal alemã sentia-se frustrada. No fim das contas, a unificação começa a se concretizar pela Prússia e não pelo caminho das revoluções.

**Influências literárias e políticas na vida de Julie Engell-Günther**

Os feminismos são demarcados a partir do século 18. Algumas autoras defendem que esta fase, chamada de primeira onda, terminou depois da Segunda Guerra Mundial, quando homens morrem em combate, as mulheres assumem a casa e as gerações mais novas ajudam no lar ou entram no mercado de trabalho porque as mães já são consideradas velhas para conseguir emprego.

Autoras como Lígia Amâncio (1992) escrevem que tanto a Revolução Francesa quanto a Revolução Industrial foram marcos para os feminismos. A Declaração Universal dos Direitos da Mulher e da Cidadã, em contraposição ao documento dos direitos humanos, é outro passo importante, quando as mulheres reagem à subordinação dos pais e maridos, pregando o direito à justiça e à propriedade.

A Declaração Universal dos Direitos da Mulher e da Cidadã foi escrita em 1791, durante a Revolução Francesa (1789-1799), por Olympe de Gouges, que acabou guilhotinada em 1793, condenada como contra-revolucionária e considerada mulher desnaturada.

No artigo primeiro, coloca que “a mulher nasce livre e tem os mesmos direitos do homem. As distinções sociais só podem ser baseadas no interesse comum”. No segundo parágrafo, destaca: “O objeto de toda associação política é a conservação dos direitos imprescritíveis da mulher e do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e, sobretudo, a resistência à opressão”.

 O texto também enfatizava que ninguém deveria ser molestado por suas opiniões, mesmo de princípio. “A mulher tem o direito de subir no patíbulo, deve ter também o de subir ao pódio desde que as suas manifestações não perturbem a ordem pública estabelecida pela lei”. Sobre a paternidade, reitera que toda cidadã deve dizer livremente: “Sou mãe de um filho seu”, sem que seja preciso esconder esta informação ou ser vítima de preconceito e violência.

 Durante a Revolução de 1848, além da feminista Louise Otto-Petters e de Wilhelm Loewe, membro do partido de extrema democracia, outros personagens cruzam a história de Engell-Günther; como Ricarda Huch (1864-1947), uma das primeiras mulheres alemãs a receber o título de doutora e chamada por Thomas Mann de “primeira mulher da Alemanha”; Fanny Lewald (1811-1889), autora de ensaios sobre os direitos das mulheres; e Bettina Von Arnim (1785-1859), também escritora alemã da área.

 Em 1883, aos 64 anos, Engell-Günther deixa a Alemanha do seu tão odiado Bismarck[[7]](#footnote-7) para dar aulas em um colégio internacional para meninos em Zurique, na Suíça, onde escreve para jornais e revistas na Alemanha, Áustria, Suíça e Estados Unidos.

 Pelas correspondências, é possível perceber que ainda influenciaram o pensamento de Engell-Günther leituras como ensaios da britânica que escreveu sobre os direitos das mulheres Mary Wollstonecraft (1759-1797). Assim como outros autores e autoras da Europa, como a iluminista Madame de Staël (1766-1817, de “Delphine” e “Corinna”); o socialista Saint-Simon (1760-1825); George Sand, pseudônimo da feminista Amandine Aurore Lucile Dupin (1804-1876); o pensador liberal Stuart Mill (1806-1873); o crítico dinamarquês Georg-Brandes (1842-1927), o escritor Alexandre Dumas Filho (1824-1895) e o jornalista e político Èmile de Girardin (1806-1881). Sobre este último, ela destaca a obra sobre “filhos ilegítimos”, livro que gostaria de traduzir do francês para o alemão.

 Ao mesmo tempo, Engell-Günther critica em carta “A história das mulheres”, de G. Jung, que diz “iluminar de forma mal-humorada a forma indigna e injusta, com a qual a mulher sempre foi tratada”. No momento em que se correspondia com Kautsky, ela conta que estava lendo o livro de August Bebel (1840-1913). “A mulher” trata da emancipação da mulher no socialismo.

 São nessas lutas políticas que acabam nascendo linguagens feministas, epistemologias que ajudam a construir o conhecimento científico. Assim, torna-se importante descobrir como a historiografia tem sido incluída nos deslocamentos teóricos construídos pelos feminismos e vice-versa. Neste processo, devem estar previstas também as visões de autoras que nos fazem acreditar na morte do feminismo para o surgimento de outros. São elas Butler (1990), Haraway (1995) e Spivak (1994).

**Como era ser livre pensadora no século 19**

 Grande parte do movimento de livres pensadores apoiava os ideais liberais, como a igualdade racial, social e sexual, a abolição da escravatura e o fim da tirania política. Os imigrantes alemães levaram o movimento a Wisconsin, nos Estados Unidos, em 1850. Nesta época, os chamados *forty-eigthers* fugiam dos regimes autocráticos alemães depois das revoltas que fracassaram em 1848, como Julie Engell-Günther.

 O movimento organizava conferências, debates, concertos, danças e outros eventos sociais. Além disso, os livres pensadores publicavam artigos em seus próprios jornais, que circularam de 1855 a 1880, como o “Freidenker”, periódico ondeEngell-Günther era dona do maior número de trabalhos publicados por não encontrar abertura na imprensa europeia.

 As posições extremistas contra a religião e as divergências internas levaram os ideais ao enfraquecimento. No início do século 20, a maioria dos grupos já havia se dissolvido.

 Com o aniversário dos 150 anos da Revolução de 1848, lembrado em 1998, os Estados Unidos refletiram sobre a influência dos *48ers* na vida social, cultural e política do país. O historiador da imigração Carl Wittke (1892-1971) lembrou de que os livres pensadores assumiram posições na vida política, econômica, cultural e da educação do século 20, na perspectiva dos ideais da tradição liberal de Immanuel Kant; Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), um dos criadores do idealismo alemão; e Johann Friedrich von Schiller (1759-1805), representante do romantismo alemão conhecido pelas cartas trocadas com Goethe. Nas universidades, contribuíram para as pesquisas, trabalhando também nos serviços públicos e atuando na mídia.

 Na Alemanha, os livres pensadores ainda hoje dizem defender os interesses materiais e de maternidade das mulheres, pensando que merecem realizar-se como esposa e mãe em plena igualdade e aceitação, sem perda financeira ou outra desvantagem. Igualmente, voltam-se para as questões de opressão na velhice e de exploração das mulheres, considerando os efeitos de sua eliminação quase completa da história. Da mesma forma, o texto do movimento diz procurar evitar fraudes científicas, culturais e sociais, sendo a favor da descriminalização do aborto.

 A associação dos livres pensadores na Alemanha, chamada de Deutschen Freidenker Verband (DFV) reúne hoje sua comunidade em encontros, guiados pelos ideais de Karl Marx. Em http://www.freidenker.org/cms/dfv/ ou edição impressa, eles expressam opiniões sobre as situações políticas da Líbia, Síria e Irã, assumindo posições antiguerra e de solidariedade internacional.

 Esta associação existe desde 1991, com sede em Dortmund, denominando-se como uma comunidade ideológica baseada na experiência histórica de lutas pela liberdade. Seus membros se manifestam contra a violência abusiva de autoridade nas esferas religiosa e política e o privilégio de capital.

 Mas depois da unificação alemã, novas perguntas passaram a ser feitas, como as relacionadas à sobrevivência da espécie humana no planeta, cultura política democrática e convivência entre diferentes. Problemas que são pensados também pela rede de livres pensadores no Brasil – grupos que mantêm sites: <http://www.livrespensadorespb.org/>, <http://livrespensadores.ning.com/>, <http://www.livrespensadores.com.br/>; promovem fóruns e publicam textos em revista sobre assuntos como ateísmo, ciência, filosofia, meio ambiente e contextos políticos e econômicos brasileiros. Muitos deles são jovens, professores e estudantes – alguns também ligados à maçonaria – que expressam suas ideias nas redes sociais, opinando sobre fatos recentes.

 Este ano, a associação alemã organizou uma conferência internacional em memória a Rosa Luxemburgo, em Berlim. O público do encontro foi formado por representantes da América Latina, países árabes e europeus. De acordo com a organização, cerca de dois mil participantes discutiram sobre as contribuições de Rosa Luxemburgo para a esquerda na teoria e política, a história e a presença de movimentos anti-imperialistas e perspectivas de mudança social.

 Ainda não foram encontradas provas concretas de que Julie Engell-Günther teve contato com Rosa Luxemburgo, mas como eram contemporâneas e compartilhavam do mesmo sentimento ideológico, devem ter trocado influências e inspirações. Até mesmo porque Rosa foi uma revolucionária polonesa que esteve no centro do debate da social democracia alemã em 1900, quando escreveu “Reforma ou Revolução?”.

 Na obra – uma crítica ao revisionismo da teoria escrita por Marx feita por Eduard Bernstein – Rosa explica que “A teoria dele tende a nos aconselhar a renunciar à transformação social, a meta final da social-democracia e, inversamente, fazer das reformas sociais, os meios da luta de classes, seu objetivo”. Para ela, reformas ininterruptas do capitalismo se refletiria no apoio permanente à burguesia, afastando-se da possibilidade de construção de uma sociedade socialista.

 Rosa desejava que os revisionistas fossem expulsos do partido, o que não ocorreu, mas Karl Kautsky manteve a teoria marxista no programa do partido. Logo depois da edição deste livro, em 1904, Rosa ficou presa por quase dois meses, acusada de insultar o imperador Guilherme II em discurso público.

 Durante a Revolução Russa de 1905, Rosa defendeu a teoria marxista, apoiando os Bolcheviques. Ela também defendia a greve como forma de lutar, pensamento que a manteve em oposição a August Bebel e Kautsky, no Partido Social Democrata da Alemanha. Logo depois, romperia com Kautsky por ele não apoiar sua campanha a favor do fim da monarquia e criação de uma República.

 Em 1919, Rosa Luxemburgo e os outros dois líderes do partido comunista da Alemanha foram executados. O jipe militar onde era levada virou. Ela foi baleada e jogada semi-morta nas águas geladas de janeiro do Landwerkanal. O corpo só foi encontrado seis meses depois, mas seus assassinos jamais foram condenados.

 Só em 1999 que uma investigação do governo alemão concluiu que as tropas haviam recebido ordens e dinheiro dos governantes social-democratas para matar Rosa. O corpo dela, enterrado em Berlim, é visitado todos os anos por socialistas e comunistas que se reúnem no local na segunda segunda-feira de janeiro para homenageá-la.

Em um contexto mais amplo, é importante situar, ainda, o pensamento iluminista no qual livres pensadoras como Julie Engell-Günther permaneciam imersas, mesmo no século 19. O Iluminismo, movimento cultural da elite de intelectuais do século 18 que passou longe das realidades vividas no Brasil, tinha como crença o uso da razão para reformar a sociedade e o conhecimento, em contextos de dogmatismos da Igreja e abusos do Estado e eminência da Revolução Francesa. Lembrando que o Iluminismo é uma criação protestante, e que é nesta fase que Immanuel Kant rompe com o movimento medieval. [[8]](#footnote-8)

 Kant procura a diferença entre o hoje e o ontem, acreditando que as formas de interpretação de verdades correspondem a formas de interpretações históricas. Isto porque é no Iluminismo que surge a necessidade de uma memória, quando são criados os museus como espaço de exposição de dominação entre os povos. Neste sentido, a aposta do Iluminismo é:

* No paradoxo das relações de capacidade e poder: como desvincular o crescimento das capacidades e a intensificação das relações de poder?
* Homogeneidade: o que fazemos e de que forma fazemos, enquanto conjuntos práticos. A homogeneidade das análises histórico-críticas é assegurada com sua versão tecnológica e estratégica.
* Sistematização: possui três grandes domínios: com as coisas (eixo do saber), sobre os outros (eixo do poder) e sobre si (eixo da ética).
* Generalidade: forma de analisar de maneira historicamente singular as questões de abrangência geral.

**Considerações finais**

 Depois de descritos os contextos sociais vividos pela jornalista Julie Engell-Günther, são preocupações as influências destes meios na construção de epistemologias feministas, ciência na qual o sujeito do conhecimento deve ser considerado como efeito das determinações culturais, inserido em um campo complexo de relações sociais, sexuais e étnicas.É coma intensificação de estudos como os feministas queo conhecimento deixa de ser fruto da neutralidade herdada do positivismo para considerar a dimensão subjetiva.

Em um contexto mais atual, as assimetrias de poder que colocam as mulheres em desvantagens vêm sendo analisadas ao longo dos anos a partir de categorias articuladas. Abordagens atuais, como as que atuam com as interseccionalidades, oferecem alternativas de compreensão.

 Nos ambientes migratórios, como o vivido por Julie Engell-Günther, estão relacionadas categorias como gênero, sexualidade, raça e etnicidade/nacionalidade. Se, por um lado, as categorizações podem limitar, também abrem possibilidades para a agência (BRAH, 2006).

 Neste caso, as categorias oferecem ferramentas de análise para o entendimento das diferenças. Diferenças e poder são utilizadas por muitos campos do conhecimento, divergindo de acordo com as agências que são dadas aos sujeitos, ou seja, com as possibilidades de ação que são mediadas de forma cultural e social.

 Para a autora Lia Zanotta Machado (1992), as tendências atuais das pesquisas feministas são os estudos de gênero. “Julia Kristeva entendia que a produção feminina e acadêmica sobre sexo/gênero tendia a deixar correr paralelas ou misturadamente três gerações: isto é, a do igualitarismo, a da especificidade e/ou diferença radical e a da multiplicidade de diferenças e alteridades”.

 A partir destas questões surgem muitas outras perguntas: “qual é o modo feminista de pensar? Seria preciso encontrar o próprio assunto, o próprio sistema, a própria teoria, a própria voz”, diz Showalter (1994). Já para Helen Longino (1990), o pensamento feminista trouxe a subjetividade como forma de conhecimento. Uma nova relação entre teoria e prática e um tipo de conhecimento situado.

 Na reconstrução destes percursos, como entender as contribuições do passado feminista sem considerar as desestabilizações e as rupturas da entrada desses temas em campos epistemológicos masculinos? “Para quê necessitamos de uma nova ordem explicativa do mundo?”, pergunta Sandra Harding (1996), ao lado de muitas outras feministas. Ela questiona se não estaríamos correndo o risco de repor o tipo de relação poder-saber que tanto criticamos: “Como o feminismo pode redefinir a relação entre saber e poder se ele está criando uma nova epistemologia, mais um conjunto de regras para controlar o pensamento?”

**REFERÊNCIAS**

AMÂNCIO, Lígia. **As assimetrias nas representações de gênero. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE).** Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES). Revista Crítica de Ciências Sociais, fevereiro de 1992.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação.** Cad. Pagu, Jun. 2006, no.26, p.329-376. ISSN 0104-8333.

BUTLER, Judith (1990). **Gender Trouble: feminism and the subversion of identity.** New York: Routledge.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial** (1995). In: Cadernos Pagu (7-41).

HARDING, Sandra. **Ciencia y feminismo.** Tradução de Pablo Manzano. Madrid: Ediciones Morata, S.L., 1996.

HÉRITIER, Françoise. Valencia Diferencial dos Sexos (La Valence differentielle dês sexes). In: **Masculin, Feminin**. Paris: Odile Jacob, 1996, pp 15 a 29.

HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções: 1789-1848.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009. 25a. edição.

LONGINO, Helen. **The fate of knowledge**. New Haven: Princeton University Press, 2001.

LONGINO, Helen. **Science as social knowledge. Values and Objectivity in Social Inquiry**. New Haven: Princeton University Press, 1990.

LONGINO, Helen. **Can there be a feminist science?** New Haven: Princeton Univ. Press, 1986.

MACHADO ZANOTTA, Lia. Feminismo, academia e interdisciplinaridade. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 24-38.

ORTNER, Sherry. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? IN: ROSALDO, Michelle Z; LAMPHERE, Louise (Orgs.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1979, p. 95-120.

Primeira minuta para um novo Código Civil de 1888 e sua repercussão no Movimento Feminino Burguês. Capítulo 21, 1889: Dr. Löwenfeld e Julie Engell-Günther. In: RIEDEL, Tanja-Carina: **Gleiches Recht für Frau und Mann, die bürgerliche Frauengbewegung und die Entstehung des BGB**. Köln, Böhlau, 2008, p. 148, 149, 150, 151, 155, 156, 157,159, 160, 162, 164, 166, 167 e 168.

RAGO, Margareth. ‘Epistemologia Feminista, Gênero e História’. In: Joana M. PEDRO e Miriam P. GROSSI (orgs.). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1998, p.: 21-42.

REITER, Rayna R. Introduction. In: **Toward an anthropology of women**. New York and London: Monthly Review Press, 1975, p. 11-16.

SCHNEIDER, Liane. **Contando estórias feministas e a reconstrução do feminismo recente.** In: Revista de Estudos Feministas (jan./abr. 2009).

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 23-57.

SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica a alteridade?. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994. pp 187/205.

STRATHERN, Marilyn. Um lugar no debate feminista. In: **O gênero da dádiva.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 53-77.

Imagens:

*Cabeçalho do jornal de*

*livres pensadores que*

*circulava em Wisconsin,*

 *nos Estados Unidos.*

*Julie Engell-Günther*

*aparece à direita*

*Trabalho de campo em SP:*

*entrevista da pesquisadora*

*com a tradutora Elke Dislich*

*Capa do livro “Noites de Natal*

*no Brasil”, escrito por*

*Engell-Günther em 1862*

*Uma das cartas escritas por*

 *Engell-Günther a Karl Kautsky*

*Assinatura de Engell-Günther ao final*

*de uma das cartas enviadas a Karl Kautsky*

1. A época era marcada pelo abalo à monarquia e luta pelo fim de regimes autocráticos. Enquanto a classe média estava comprometida com princípios liberais, os trabalhadores buscavam melhores condições de trabalho e de vida. [↑](#footnote-ref-1)
2. Os livres pensadores estavam ligados à ideologia do espírito livre, defendendo a igualdade, tolerância, não-violência e independência religiosa. [↑](#footnote-ref-2)
3. Na dissertação de mestrado, a presente autora analisou o primeiro texto sobre Joinville-SC publicado em jornal alemão pela jornalista Julie Engell-Günther em 3 de maio de 1851. O artigo era voltado para alemães interessados em emigrar. Julie chegou às terras da futura Joinville vestida como um “pobre homem” – já que mulheres não poderiam viajar sem suas famílias. Por ter vindo em companhia do diretor da Colonizadora de Hamburgo, Hermann Günther, foi descrita pela historiografia como “amásia” deste agrimensor e acusada de ter feito uma propaganda enganosa para os imigrantes – o que não se confirmou na análise do artigo. [↑](#footnote-ref-3)
4. Elke Dislich é tradutora e mestranda em letras/alemão da Universidade de São Paulo (USP). [↑](#footnote-ref-4)
5. Este livro trata de histórias de brasileiras e portuguesas, indígenas, negras, imigrantes, animais, paisagens, micro histórias pitorescas do cotidiano, fábulas... [↑](#footnote-ref-5)
6. O político alemão que viveu entre 1854 e 1938 foi um dos fundadores da ideologia social-democrata, tendo editado o quarto volume de "O Capital", de Karl Marx, e as Teorias de Mais-Valia, avaliação crítica de Marx a teorias econômicas. [↑](#footnote-ref-6)
7. Conhecido com Napoleão da Alemanha, Otto von Bismarck lançou as bases do Segundo Império, ou 2º Reich (1871-1918). [↑](#footnote-ref-7)
8. Mais tarde, o romantismo vai retomar o medieval com as histórias dos cavaleiros e das damas, diferentemente do Iluminismo, que só enxergava o futuro. [↑](#footnote-ref-8)